

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Keley Cristina de Souza Russo

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte

2015

Keley Cristina de Souza Russo

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Carlos Augusto Novais

Belo Horizonte

2015

Keley Cristina de Souza Russo

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES NOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTEL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Carlos Augusto Novais

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Carlos Augusto Novais – Faculdade de Educação da UFMG

Daniela Freitas Brito Montuani – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este trabalho apresenta a descrição e a análise das práticas de leitura literária realizadas em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Florestan Fernandes, localizada na região norte de Belo Horizonte. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca das teorias de leitura literária e uma análise comparativa entre as práticas desenvolvidas, denominadas “Hora do Conto”, “Visita à Biblioteca”, “Livro com Arte”, “Leitura Compartilhada” e “Leitura Autônoma”. Foram trabalhados conceitos relacionados ao letramento literário, tais como *mediação*, *círculos de leitura* (COSSON, 2014), e associados às estratégias de leitura (SOLÉ, 1998). Embora as práticas realizadas necessitem de certas adequações, como, por exemplo, a ampliação do repertório literário, já que contemplaram apenas o texto verbal e o imagético, elas constituem-se práticas significativas rumo ao letramento literário, uma vez que, muitas delas, possibilitaram aos alunos expor suas opiniões e impressões acerca das obras lidas, estabelecendo assim uma troca de experiências entre eles.

Palavras-chave: literatura infantil, leitura literária, formação de leitores, letramento literário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A LITERATURA INFANTIL NA TURMA 12 A: DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS	12
2.1 Hora do Conto	12
2.2 Visita à biblioteca	13
2.3 Livro com Arte	15
2.4 Leitura Compartilhada	16
2.5 Leitura Autônoma	17
3. ANÁLISE DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS, A PARTIR DO REFERENCIAL TEÓRICO	19
3.1 Hora do conto	19
3.2 Visita à biblioteca	20
3.3 Livro com Arte	21
3.4 Leitura Compartilhada	23
3.5 Leitura Autônoma	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	31
FIGURA 1:	31
FIGURA 2:	31
FIGURA 3:	32
FIGURA 4:	32
FIGURA 5:	33
FIGURA 6:	33

1. INTRODUÇÃO

Os livros de literatura infantil despertam um grande interesse nas crianças. Quem já teve, na infância, a oportunidade de se deliciar com um livro de literatura infantil ou mesmo, quando já adulto, teve a chance de ver uma criança escutar uma história ou folhear um livro, sabe bem o quanto esse momento é mágico e prazeroso. Além de ser fonte de prazer e lazer, a literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence” (OLIVEIRA, 2010, 41). Um terceiro aspecto, e o que foi privilegiado neste trabalho, é o papel da literatura infantil na formação de leitores na sala de aula.

A literatura possui um conjunto específico de saberes que vai muito além da simples leitura de obras, dessa forma ela necessita ser ensinada na escola de forma adequada, caso contrário os alunos serão negligenciados. Trata-se do letramento literário, ou seja, um tratamento diferenciado que enfatize a experiência da literatura na escola.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2014, p. 30)

O presente trabalho descreve as práticas de leitura literária desenvolvidas em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental. A partir de um estudo bibliográfico acerca do letramento literário e de análise das práticas desenvolvidas, readequiei tais práticas a fim de formar leitores proficientes na sala de aula.

Alfabetizada no final da década de 1980, a literatura infantil teve um papel importante na minha formação enquanto leitora. Embora na escola eu não tivesse nenhum contato com livros, exceto as cartilhas, na minha casa eu tinha a oportunidade de folhear e escutar as lindas histórias clássicas da literatura infantil. Como eram fascinantes aqueles momentos, como eu tinha vontade de aprender a ler para viajar pelo mundo encantado das princesas, como eu tinha vontade de comer um pedacinho daquela casa de doces de João e Maria, como eu sofria ao pensar que a Polegarzinha andava sozinha pela cidade, em uma noite de Natal chuvosa.

No decorrer da minha vida escolar, embora pareça contraditório, eu fui me afastando da literatura. Ler tornou-se algo obrigatório, simplesmente para preencher cansativas fichas de leitura, os livros já não me proporcionavam mais o encantamento.

Em 2012, agora professora, voltei a me apaixonar pela literatura infantil. Lecionando em uma turma de segundo ano do primeiro ciclo, os livros de literatura tornaram-se aliados da minha prática pedagógica. Todas as vezes que íamos à biblioteca da escola ou que eu lia um livro para meus alunos, eu notava neles aquele mesmo encantamento que eu tinha quando criança. Além de proporcionar diversão e lazer aos alunos, durante o ano foi possível perceber que os alunos despertaram um grande interesse pela leitura. Desde então, sempre trabalhando como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os livros fazem parte constantemente da minha prática pedagógica.

Diante da minha experiência com a literatura infantil, tanto como aluna quanto como professora, destaco a importância da literatura infantil na formação de alunos leitores.

O trabalho se desenvolveu na Escola Municipal Florestan Fernandes, que está localizada na região norte de Belo Horizonte, no Bairro Solimões. A instituição surgiu como fruto da mobilização em torno do Orçamento Participativo em 1996. Primeiramente funcionou no espaço da Escola Municipal Francisco Campos, no Bairro Tupi e de 1998 a maio de 2000 no espaço da Igreja Católica Cristo Redentor, já no bairro Solimões. Em 23 de maio de 2002, foi inaugurado o prédio atual, sendo a primeira escola da Rede Municipal construída com a nova arquitetura atendendo a lógica do Projeto Escola Plural. O prédio da escola é grande e muito bem conservado. São dois andares, com rampa de acesso a todos os espaços, sendo dezesseis salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, sala de multimídia, auditório, quadra esportiva coberta, pátio, cantina, refeitório, três banheiros, secretaria, sala de professores, sala da direção e estacionamento. Há também alguns canteiros de plantas ornamentais. Em torno da escola há uma mata, o que torna paisagem local bem agradável.

A biblioteca escolar conta com um rico acervo de literatura infantil e também de obras de apoio pedagógico, muitos livros foram adquiridos através do PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola. Entretanto, a biblioteca é muito mal organizada e o acervo ainda não está catalogado, o que dificulta extremamente as pesquisas. Além disso, o controle de empréstimo de livros é muito mal monitorado, o que causa perda constante de diversas obras.

Existem horários definidos para o uso coletivo das turmas, porém no primeiro semestre, o turno da manhã ficou sem auxiliar de biblioteca.

A escola oferece o Ensino Fundamental do primeiro ao nono ano, são atendidos quatrocentos e sessenta e quatro alunos em dois turnos, manhã e tarde. De manhã são nove turmas, sendo seis de primeiro ciclo e três de segundo, à tarde também são nove turmas, sendo três de primeiro ciclo e seis de segundo. No total, a escola tem trinta e um professores. A instituição conta com o Programa Escola Aberta, Escola Integrada (ambos pelo Programa Mais Educação do Governo Federal), Programa Fica Vivo do Estado de Minas Gerais, PIBID - Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Além disso, na escola há uma sala de Atendimento Educacional Especializado, AEE, onde são atendidos alunos da própria instituição, bem como das escolas do entorno.

A Escola Municipal Florestan Fernandes está localizada em uma região de periferia, a comunidade tem um perfil socioeconômico muito baixo e sofre com inúmeras violações de direitos. O público atendido pela instituição corresponde a 86% de estudantes que se declaram negros ou pardos (Censo 2012) e ainda muitos sentem dificuldades em se reconhecer como tal. A comunidade já estabeleceu uma relação de pertencimento a esta instituição, e a escola configura-se também como o único espaço de lazer do bairro. Os eventos promovidos pela escola, Festa Junina, Mostra Cultural, bem como o Projeto Escola Aberta, contam com uma participação significativa da comunidade.

O Projeto Político Pedagógico da escola encontra-se em fase de elaboração, as *Proposições Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte* são os principais documentos que orientam o trabalho pedagógico da instituição. A escola desenvolve um trabalho bastante significativo com a temática racial, sendo referência na Rede Municipal de Educação. Em 2010 foi contemplada com o selo para Igualdade Racial, prêmio concedido pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, às instituições que desenvolvem experiências exitosas na implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Infelizmente a escola ainda não conseguiu se organizar de forma a garantir momentos coletivos, o quadro incompleto de professores, característica marcante na trajetória da

instituição, é um dos fatores responsáveis. A escola conta com dois coordenadores pedagógicos em cada turno e constantemente, sobretudo no segundo turno, esses profissionais estão em sala de aula substituindo professores. Mensalmente acontece uma reunião pedagógica fora do horário de trabalho, mas infelizmente ela ainda não garante a participação da maioria dos professores. Os momentos coletivos acontecem, de fato, apenas nos sábados escolares quando os professores e funcionários dos dois turnos têm oportunidade de se encontrarem. Muitas decisões coletivas acontecem durante o horário do recreio ou nos dez últimos minutos de cada turno.

A Escola Municipal Florestan Fernandes, embora tenha alcançado avanços significativos nos últimos anos, ainda precisa avançar muito em sua organização interna. Uma proposta de trabalho coletiva, sobretudo no que se refere ao processo de alfabetização, a manutenção de um grupo efetivo de professores e a criação de uma identidade da instituição ainda necessitam ser construídos. Porém, é inegável o papel que tal instituição tem na comunidade enquanto agente de transformação.

O trabalho foi desenvolvido em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, a mesma era composta por 22 alunos, com idade entre sete e oito anos, sendo treze meninas e nove meninos. A maior parte das crianças não frequentou a Educação Infantil. Dezesete crianças cursaram o primeiro ano na mesma turma, onde eu fui professora, e apenas cinco vieram de outras escolas. A grande maioria dos alunos era muito participativa e demonstrava interesse em realizar as atividades propostas. Havia um bom relacionamento entre as crianças da turma, eram afetivas e respeitadas umas com as outras. As crianças demonstravam muita afetividade com a professora. Não existiram problemas sérios de indisciplina, porém as crianças conversavam muito durante as aulas, característica marcante de crianças nesta faixa etária.

A turma era bastante heterogênea, as crianças se encontravam em vários níveis de escrita, desde o pré-silábico até o alfabético, cinco crianças da turma participavam do PIP, Projeto de Intervenção Pedagógica, que acontecia três vezes por semana no próprio turno no qual estão matriculadas.

As disciplinas trabalhadas no segundo ano eram divididas entre duas professoras. Como professora referência, eu trabalhava Língua Portuguesa, Literatura, Matemática, Ciências e Arte. Educação Física, Geografia e História eram trabalhadas por outra professora. Os

recursos didáticos utilizados eram o quadro, o livro didático, atividades impressas elaboradas pelas professoras, jogos de alfabetização e livros de literatura infantil.

As avaliações, na maioria das vezes, eram individuais e aconteciam ao longo do trimestre, ao fim de cada um eram aplicadas as tradicionais “avaliações finais”. Raramente os alunos recebiam trabalhos para serem realizados em casa, infelizmente grande parte das famílias não tem disponibilidade para auxiliar as crianças na realização dos mesmos. O “para casa” era enviado três vezes na semana, sempre com atividades mais simples que as crianças já tinham autonomia para realizá-las sozinhas.

Às sextas-feiras a turma tinha um horário reservado para utilização da biblioteca, nessa ocasião as crianças escolhiam um livro para empréstimo. Infelizmente, no primeiro semestre a utilização deste espaço ficou muito comprometida, já que não tinha auxiliar de biblioteca no turno da manhã e apenas esporadicamente era possível contar com um professor em readaptação funcional para realizar o atendimento. Na sala de aula tinha um acervo permanente disponível para as crianças, além disso, diariamente eu realizava a leitura de um livro literário para as crianças.

Para a elaboração do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca das teorias de leitura literária e uma análise, a partir delas, das práticas desenvolvidas em uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental. As obras que embasaram esse trabalho foram “Letramento literário: teoria e prática”, “Círculos de leitura e letramento literário”, ambas de Rildo Cosson. No primeiro livro, o autor mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico, extrapolando as práticas usuais na sala de aula. Dentre as sugestões apresentadas nesse livro, a Sequência Básica do Letramento Literário foi aquela que trouxe maior contribuição para análise das práticas literárias realizadas. Já na segunda obra, Cosson apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de círculos de leitura, orientando e oferecendo embasamento e sugestões de atividades tanto para auxiliar educadores na formação de leitores quanto os próprios leitores. O autor apresenta diversos modos de leitura literária presentes na escola, o que possibilitou analisar e adequar as minhas práticas. Outra obra que também fundamentou esse trabalho foi “Estratégias de leitura”, de Isabel Solé. Nessa obra, a autora aborda diferentes formas de trabalhar com o ensino da leitura em uma perspectiva construtivista da aprendizagem. O livro tem objetivo principal promover a utilização de estratégias que permitam aos alunos interpretar e compreender de forma

autônoma os textos lidos. Essa obra apresentou estratégias de leitura importantes para o processo de letramento literário, tais como motivação, ativação do conhecimento prévio e formulação de previsões.

2. A LITERATURA INFANTIL NA TURMA 12 A: DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

As práticas de leitura literária desenvolvidas na turma 12 A durante os meses de novembro e dezembro, aconteceram de diferentes maneiras. A fim de descrever as especificidades de cada uma, elas foram denominadas “Hora do Conto”, “Visita à Biblioteca”, “Livro com Arte”, “Leitura Compartilhada” e “Leitura Autônoma”.

2.1 Hora do Conto

Para realização desta atividade foram utilizados os livros da biblioteca escolar. A escolha das obras foi feita por mim, sem a participação dos alunos. Procurei escolher obras adequadas à faixa etária da turma, com assuntos diversos e textos não muito longos, algumas de autores renomados da literatura infantil brasileira. Os livros selecionados ficavam na sala de aula e à medida que eram lidos foram devolvidos à biblioteca.

A “Hora do Conto” foi realizada sempre na sala de aula, após o recreio. Dentre os livros previamente selecionados na biblioteca escolar, escolhia três deles para que os alunos elegessem um para ser lido no dia. Eram escolhidas três crianças para ler o título dos livros para o restante da turma. Posteriormente, escrevia os títulos no quadro e elaborava um gráfico de barra para registrar as respectivas escolhas. O livro que recebia o maior número de votos era lido naquele dia.

Inicialmente, apresentava a obra aos alunos destacando o título, autor, ilustrador e editora. Sempre que o livro trazia alguma informação sobre o autor e ilustrador, tais informações eram lidas para a turma. A etapa seguinte consistia no levantamento de hipóteses, a partir das informações já apresentadas, bem como da ilustração da capa; os alunos opinavam acerca do assunto do livro. Em seguida fazia a leitura e ao fim de cada página mostrava a ilustração para a turma. Após finalizar a leitura, eram retomadas as hipóteses levantadas pelos alunos e compartilhadas as impressões e opiniões sobre o livro.

Não houve organização específica do espaço da sala de aula para a realização dessa atividade, os alunos ficavam sentados em fila e eu em pé na frente da sala. Em alguns momentos passava de carteira em carteira para mostrar a ilustração. No que se refere à escolha dos

alunos para a leitura do título das obras, tentei contemplar toda a turma, já que todos demonstravam muito interesse em participar. No caso das crianças que ainda não tinham autonomia de leitura, era possível que elas participassem, pois alguns livros que não eram escolhidos num determinado dia eram oferecidos em outro momento, dessa forma essas crianças puderam memorizar o título do livro e “ler” para a turma.

Abaixo, seguem as tabelas dos livros utilizados na “Hora do Conto” e o período em que essa prática foi realizada.

HORA DO CONTO / NOVEMBRO						
OBRA	AUTOR (A)	S1	S2	S3	S4	S5
Bruxa Onilda é uma grande estrela	Roser Capdevila				X	
Já para a cama, monstrinho!	Mário Ramos				X	
As aventuras da ratinha	Claude Morand				X	
Betina	Nilma Lino Gomes					X
Chapeuzinho Amarelo	Chico Buarque					X

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4: semana 4 e S5: semana 5.

HORA DO CONTO / DEZEMBRO						
OBRA	AUTOR (A)	S1	S2	S3	S4	S5
Já sei ler	Vera Lúcia Dias	X				
Uxa, ora fada, ora bruxa	Sylvia Orthof	X				
Anacleto	Bartolomeu C. de Queirós		X			
Escola de monstros Madame Mó	Janaína Toquitana					X
Quem tem medo do ridículo?	Ruth Rocha					X

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4: semana 4 e S5: semana 5.

Como indicam as tabelas, essa prática literária não aconteceu de maneira muito regular. O objetivo inicial era que a “Hora do Conto” acontecesse pelo menos uma vez por semana, mas em função da insuficiência da carga horária escolar diante das diversas demandas da escola, não foi possível fazê-la. Em contrapartida, em algumas semanas ela ocorreu mais de uma vez.

2.2 Visita à biblioteca

A visita à biblioteca é uma atividade instituída para o turno da manhã. Cada turma já possui um dia e um horário determinado, entretanto ela nem sempre se efetua. A professora

referência é a responsável por acompanhar a turma e planejar as atividades que serão realizadas. Parte do acervo da biblioteca é disponibilizada para empréstimo aos alunos, mediante autorização formal das famílias. No caso de dano ou extravio dos livros, as crianças necessitam repor o acervo, para isso é necessário doar dois livros para cada danificado ou extraviado, além de ficarem impedidos de efetuar empréstimos por duas semanas.

As visitas da turma 12A à biblioteca aconteceram às quintas-feiras, no segundo horário e tiveram uma hora de duração. O principal objetivo dessa atividade foi incentivar e possibilitar aos alunos uma utilização efetiva do acervo da biblioteca. Para isso, cada criança escolhia um livro de literatura infantil ou uma revistinha em quadrinhos que ficava durante uma semana. O exemplar era enviado para casa e deveria ser devolvido somente na próxima visita da turma à biblioteca, ou seja, na semana seguinte.

Ao chegar à biblioteca, a turma era dividida em grupos de cinco ou seis crianças que sentavam em uma mesa com vários gibis da Turma da Mônica. Seguindo uma ordem alfabética, chamava três crianças de cada vez que, primeiro, passavam pela auxiliar de biblioteca para devolver a obra que havia pegado na semana anterior e, depois de escolherem o outro livro, retornavam para que ela pudesse anotar. Em seguida, as crianças voltavam para as mesas e podiam continuar lendo as revistinhas ou a obra que haviam escolhido para empréstimo.

Durante essa atividade, ora eu ficava próxima à estante acompanhando as crianças que estavam escolhendo os livros, ora na mesa das revistinhas com os demais alunos. Anotava os livros que as crianças pegavam, a fim de acompanhar o que cada um estava lendo e também para ajudar no controle do acervo. Quando a criança não trazia a obra para devolução, ela ficava impedida de realizar um novo empréstimo. Porém, no dia que ela trouxesse poderia ir à biblioteca e escolher um novo livro. Caso a criança faltasse no dia da visita à biblioteca, ela também poderia realizar o empréstimo em outro momento que disponibilizava durante a aula.

Duas crianças perderam livros e ficaram impedidas de fazer novo empréstimo por um determinado período, porém regularizaram a situação. Infelizmente, um número considerável de crianças não trazia os livros para devolução na data combinada e em muitas situações não podiam realizar novo empréstimo, o que restringiu o acesso ao número de obras. Nessa

situação, enviei bilhete às famílias, comunicando o ocorrido, solicitando auxílio na localização dos livros e reafirmando a importância da atividade.

Muitas crianças traziam o livro para escola diariamente e quando terminavam as atividades, podiam ler até que os demais acabassem. Além disso, em algumas situações eu li esses livros para toda a turma.

As tabelas abaixo mostram a periodicidade da prática literária “Visita à Biblioteca”.

VISITA À BIBLIOTECA / NOVEMBRO			
S1	S2	S3	S4
X	X	X	X

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4 e semana 4.

VISITA À BIBLIOTECA / DEZEMBRO			
S1	S2	S3	S4
X	X		

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4 e semana 4.

O empréstimo das obras para os alunos foi suspenso na segunda semana de dezembro para organização do acervo, conforme orientação da coordenadora de biblioteca. Dessa forma, não foi possível realizar a “Visita à Biblioteca” nas duas últimas semanas desse mês, como planejado.

2.3 Livro com Arte

Para a realização desta atividade, foram utilizados os livros do acervo da biblioteca escolar. A escolha das obras foi feita por mim, sem a participação dos alunos. A atividade teve duas etapas básicas, o momento da leitura, no qual fui a leitora, e o momento do registro.

No momento da leitura, ficamos sentados em roda, no chão. Iniciei a apresentação da obra destacando o título, o autor, o ilustrador e a editora, sempre apontando onde tais informações estavam escritas. Em seguida, os alunos levantaram hipóteses acerca do assunto do livro e, posteriormente, fiz a leitura mostrando a ilustração de cada página. Ao fim da leitura, retomamos as hipóteses levantadas e os alunos compartilharam suas impressões e opiniões sobre a obra.

Na segunda etapa, os alunos retornaram para suas carteiras e iniciamos o registro escrito da atividade. Para isso, os alunos receberam uma folha impressa, a “Ficha Literária” com os seguintes campos: nome da obra, autor (a), ilustrador (a), editora, personagens e atividade de arte realizada a partir do livro. Fiz a transcrição dessa ficha para o quadro e, coletivamente, fomos preenchendo a mesma. Quando os alunos não se lembravam de uma determinada informação, o livro era entregue a uma criança que já tinha autonomia de leitura para que ela localizasse a mesma. Finalizado o momento do registro escrito, iniciou-se o momento da atividade de arte, que consistiu em desenho, pintura ou modelagem relacionada à narrativa, aos personagens, ao cenário da obra.

O objetivo principal dessa atividade foi trabalhar de forma interdisciplinar as disciplinas arte e literatura. Ao fim do ano letivo, cada criança recebeu uma pasta com as fichas literárias e as atividades artísticas produzidas.

As tabelas abaixo mostram as obras utilizadas na prática literária “Livro com Arte”, bem como as atividades de arte realizadas a partir dessas obras.

LIVRO COM ARTE / NOVEMBRO							
OBRA	AUTOR (A)	A A R	S1	S2	S3	S4	S5
Gato pra cá, rato pra lá	Sylvia Orthof	Pintura		X			

A A R: Atividade de Arte Realizada, S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4: semana 4 e S5: semana 5.

LIVRO COM ARTE / DEZEMBRO							
OBRA	AUTOR (A)	A A R	S1	S2	S3	S4	S5
A caixa maluca	Flávia Muniz	Desenho		X			S5
A vaca mimosa e a mosca Zenilda	Sylvia Orthof	Modelagem					X

A A R: Atividade de Arte Realizada, S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4: semana 4 e S5: semana 5.

De acordo com o planejamento, a prática literária “Livro com Arte” deveria acontecer quinzenalmente, mas infelizmente não houve tempo para realizá-la conforme planejado.

2.4 Leitura Compartilhada

Na realização desta prática literária, foram escolhidas as crianças que já tinham autonomia de leitura e que demonstravam interesse em ler para os colegas. Para isso, foram utilizadas as coleções do Programa Nacional do Livro Didático – Obras complementares e Alfabetização

na Idade Certa. Selecionei livros destinados a leitores iniciantes, todos com textos curtos e predominância de ilustrações, apenas dois deles não eram escritos em caixa alta. A criança leitora ficava na frente da sala e as demais sentadas em seus respectivos lugares. Inicialmente, eram lidas as informações presentes na capa da obra: título, autor, ilustrador, editora. Sempre que necessário, eu auxiliava as crianças na localização dessas informações. Após a leitura de cada página, as ilustrações eram mostradas. Ao fim da leitura, as crianças compartilhavam suas opiniões e impressões acerca do livro.

As tabelas abaixo mostram as obras utilizadas na prática literária “Leitura Compartilhada”.

LEITURA COMPATRIlhADA / NOVEMBRO						
OBRA	AUTOR (A)	S1	S2	S3	S4	S5
Cadê?	Guto Lins	X				
É um livro	Lane Smith		X			
O vira-lata Filé	Cláudia Ramos				X	
O ovo	Ivan Zigg e Marcelo Araújo					X

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4: semana 4 e S5: semana 5.

LEITURA COMPATRIlhADA / DEZEMBRO						
OBRA	AUTOR (A)	S1	S2	S3	S4	S5
Pés na areia	Guto Lins	X				
O ovo	Lane Smith		X			
Bichos são todos bichos	Cláudia Ramos				X	
Estou sempre mudando	Ivan Zigg e Marcelo Araújo					X

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4: semana 4 e S5: semana 5.

A “Leitura Compartilhada” foi planejada para acontecer uma vez por semana. Porém, também não foi possível cumprir o planejamento em função da insuficiência da carga horária diante de tantas demandas da escola.

2.5 Leitura Autônoma

A leitura autônoma teve como objetivo a exploração de todo acervo da sala de aula (as coleções do Plano Nacional do Livro Didático - Obras complementares e Alfabetização na Idade Certa, gibis e outros livros de literatura infantil que fazem parte da minha coleção pessoal, tais como os livros distribuídos pela Fundação Itaú) e foi realizada de duas maneiras

distintas. Em determinadas ocasiões, ao finalizarem suas atividades, os alunos podiam escolher uma obra, que ficava dentro do armário, e, em suas respectivas carteiras, fazerem a leitura, enquanto os demais alunos finalizassem a atividade. Além disso, houve momentos planejados exclusivamente para leitura desse acervo da sala, nos quais todos os alunos foram contemplados. Nessas situações, as obras eram espalhadas em mesas no centro da sala e cada criança escolhia uma obra para ler. Era determinado um tempo mínimo para a troca das obras e os alunos tinham liberdade para fazer a leitura em qualquer espaço da sala de aula.

As tabelas abaixo mostram a periodicidade da prática literária “Leitura Autônoma” nas ocasiões em que toda a turma foi contemplada.

LEITURA AUTÔNOMA / NOVEMBRO			
S1	S2	S3	S4
X	X	X	X

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4 e semana 4.

LEITURA AUTÔNOMA / DEZEMBRO			
S1	S2	S3	S4
X	X	x	x

S1: semana 1, S2: semana 2, S3: semana 3, S4 e semana 4.

A “Leitura Autônoma” foi realizada semanalmente todas as sextas-feiras, conforme planejado.

Não foi possível registrar os momentos em que aconteceram a “Leitura Autônoma” após o término das atividades, em função do seu caráter assistemático.

3. ANÁLIE DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS, A PARTIR DO REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Hora do conto

A atividade “Hora do Conto”, conforme descrito anteriormente, consistiu uma prática de leitura em voz alta, onde fui a leitora e os alunos os ouvintes, uma prática bem comum nas escolas nos anos iniciais do ensino fundamental. À essa prática literária, gostaria de destacar dois elementos que talvez a diferencie das demais práticas literárias desenvolvidas em outras escolas, e que, seguramente, despertaram maior interesse das crianças pela atividade: a possibilidade de escolha entre três obras por mim sugeridas e a participação das crianças na apresentação dessas obras.

Cosson (2014, 103) aponta que, no Brasil do final do século XX, a leitura em voz alta era uma prática muito comum devido ao grande número de analfabetos, à escassez de material impresso e à falta de acesso da maior parte da população às bibliotecas, além de servir de distração para as pequenas atividades domésticas. Embora nos dias atuais o perfil do Brasil tenha mudado e, conseqüentemente, as condições sociais da leitura em voz alta, o autor afirma que nem por isso ela perdeu sua importância e necessidade na formação do leitor e mesmo junto ao leitor maduro. Cosson (2014, 103), citando George Jean, afirma que a leitura em voz alta ainda continua tendo como características principais: dar a conhecer o conteúdo de um texto e proporcionar a sociabilidade, acrescida de uma terceira, que é entender melhor o texto lido.

Para Cosson (2014, 105), a leitura em voz alta é uma prática escolar importante, tendo como benefícios o aumento do vocabulário, a maior compreensão do funcionamento da leitura, mais habilidade no uso de livros e o fortalecimento da leitura como prazer. O autor também destaca que a leitura oralizada proporciona a aprendizagem dos gestos de leitura e, sobretudo a construção cultural dos sentidos, reforçando no aluno o sentimento de pertencimento a uma comunidade (2014, 106). Tais benefícios foram observados na turma, foi possível verificar um aumento significativo no leque de palavras utilizados na produção textual e maior autonomia e interesse dos alunos pela leitura. Em muitas situações do cotidiano escolar, as crianças, por iniciativa própria, realizaram a leitura dos livros que compõem o acervo da sala,

além disso, frequentemente solicitaram compartilhar com os colegas a leitura de livros que traziam de casa.

A “Hora do Conto”, talvez tenha sido a prática literária mais apreciada pelos alunos. Quando não era possível realizá-la, sempre havia questionamentos por parte deles. Além de se configurar como uma atividade prazerosa, a “Hora do Conto” foi uma prática que motivou muito o interesse dos alunos pela leitura e que incitou-lhes o desejo de aprender a ler.

Em algumas ocasiões, quando se fala de contexto motivador, referimos prioritariamente à existência de materiais e livros adequados. Em minha opinião, a riqueza de recursos sempre deve ser bem recebida, porém me parece que o que mais motiva as crianças a ler e escrever é ver os adultos que tenham importância para elas lendo ou escrevendo, assistir à leitura em grupos pequenos ou grandes, tentar e sentir aprovados em sua leitura. (SOLE, 1998, p. 63)

3.2 Visita à biblioteca

A prática literária definida como “Visita à Biblioteca” teve como objetivo estimular o uso da biblioteca escolar, espaço que muitas vezes não era utilizado de forma efetiva pelos alunos e, sobretudo, incentivar a leitura literária tanto no ambiente escolar, quanto em casa, já que as obras literárias, livros ou gibis, foram emprestados aos alunos por o período de uma semana.

A prática de empréstimo oportunizou inserção da leitura literária como parte do lazer da criança e da família. No caso das crianças em processo de alfabetização, as famílias foram orientadas a ler para as crianças; já no caso das crianças alfabetizadas, elas que deveriam ler para as famílias. Para Cosson (2014, 106), as duas práticas são igualmente relevantes não apenas por envolver a família no processo de formação de leitor da criança, mas também por levar a leitura em voz alta para o ambiente familiar. Cosson (2014, 107) defende a importância da leitura em voz alta e aponta como seus benefícios a ampliação de entendimento de um determinado tópico, a possibilidade dos alunos relacionarem aspectos da aprendizagem com a vida cotidiana, além de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos pela leitura.

A “Visita à Biblioteca” foi uma atividade de extrema relevância no processo de letramento literário e cumpriu de fato seus objetivos. Hoje, os alunos demonstram interesse e autonomia para utilizar a biblioteca não apenas no momento da aula destinado a esse fim;

frequentemente, muitas crianças passam o recreio nesse espaço, se deliciando com as obras literárias. A leitura literária também tornou-se um hábito dos alunos, inclusive em casa; com frequência os alunos trazem para a escola livros que estão lendo e solicitam compartilhar a leitura com os colegas. A fim de ilustrar a presença da leitura literária no ambiente doméstico, cito o caso de um aluno recentemente alfabetizado que, certo dia, solicitou minha ajuda para encontrar o livro “Os Três Porquinhos”, relatando que estava escolhendo esse livro porque ia ler para a irmã mais nova. Na semana seguinte, quando veio até a mim para eu anotar o livro que ele havia escolhido para empréstimo, todo sorridente, disse: “professora, peguei Branca de Neve e os Sete Anões, vou ler para minha irmã, ela adora histórias de princesas”.

3.3 Livro com Arte

A prática literária “Livro com Arte” foi uma atividade muito apreciada pelas crianças. Essa prática possibilitou trabalhar duas disciplinas que despertam grande interesse na turma, literatura infantil e arte, extrapolando a simples leitura das obras.

Cosson, em sua obra “Letramento Literário: Teoria e Prática” defende que as práticas literárias realizadas em sala necessitam extrapolar a simples leitura das obras e conduzir os alunos a um processo satisfatório de letramento literário. Para isso, o autor apresenta algumas estratégias para o ensino da literatura, dentre elas a sequência básica do chamado letramento literário. Embora nos exemplos de sequência básica apresentados pelo autor os alunos sejam os próprios leitores, diferentemente da “Hora do Conto” em que eu sou a leitora, percebi que é possível utilizar os mesmos passos propostos pelo autor, adequando-os quando necessário.

A “sequência básica” é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. A *motivação* consiste na preparação do aluno para entrar no texto, pois o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. A motivação pode buscar aproximação do leitor com o texto, tanto pela sua temática, quanto pela sua estrutura, ou ainda com esses dois aspectos. Entretanto, é interessante que esta etapa apresente um caráter lúdico e, sempre que possível, esteja associada à uma atividade de leitura, escrita e oralidade.

Cosson define como *introdução* a apresentação da obra e do autor. Ele alerta quanto a importância de não se aprofundar muito na apresentação do escritor; o interessante é que

forneça dados básicos sobre a vida do autor, preferencialmente aqueles relacionados ao texto que será trabalhado. No que se refere à obra, é essencial que o professor fale sobre a importância da mesma, justificando assim a sua escolha. A leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais também é necessária. Após essa etapa, é interessante que se faça o levantamento de hipóteses acerca do desenvolvimento do texto, incentivando os alunos a comprová-las ou a recusá-las, ao fim da leitura da obra.

Na terceira etapa da sequência básica, a *leitura*, Cosson (2014,62) destaca a importância do professor acompanhar a leitura dos alunos. Segundo ele, não se trata de vigiar, mas sim de acompanhar o processo de leitura, a fim de auxiliar os alunos em suas dificuldades. Para isso, ele propõe os intervalos, que são momentos específicos nos quais os alunos são convidados a apresentar os resultados da leitura. Esses intervalos podem ser feitos através de uma simples conversa sobre o andamento da obra o por meio de atividades específicas.

A última etapa da sequência básica do letramento literário é a *interpretação*. Segundo Cosson (2014,65), a interpretação no cenário do letramento literário deve ser pensada em dois momentos: o momento interior, que consiste no encontro do leitor com a obra, um encontro de caráter individual; e o momento externo, que é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. O autor afirma que é no momento externo que o letramento escolar feito na escola se diferencia da leitura literária feita em outros espaços. Esse é o momento em que os leitores compartilham a interpretação e ampliam os sentidos construídos individualmente. O momento externo consiste na externalização da leitura, ou seja, no seu registro e esse pode variar de acordo com o tipo de texto, idade do aluno e série escolar. As possibilidades de registro são diversas: desenhos, resenhas, dramatizações, dentre outras, o importante é que as atividades de interpretação mantenham o caráter de registro do que foi lido.

A prática literária “Livro com Arte”, não se trata de leitura individual, nessa atividade sou a leitora, porém as possibilidades de sistematização apresentadas por Cosson, através da sequência básica de letramento, podem perfeitamente ser adaptadas para essa prática. Considero que a primeira etapa da sequência básica, a *motivação*, precisa ser incluída na minha prática, ainda não realizo uma atividade sistemática que prepare os alunos para entrar no texto, eu estou iniciando a partir da introdução. A *introdução* é realizada de forma satisfatória, a apresentação da obra e do autor sempre estimula o interesse dos alunos em

conhecer a obra. O terceiro passo, a *leitura*, no qual o autor destaca a importância do acompanhamento da leitura dos alunos, a fim de auxiliá-los no entendimento do texto, é feito de uma maneira diferente. Como eu sou a leitora, os intervalos propostos por Cosson, são realizados quando os alunos demonstram algum questionamento durante a leitura ou no final da leitura, no momento de checagem das hipóteses. O último passo, a *interpretação*, que propõe o registro como forma de externalização, é realizado através de desenho, pintura ou modelagem.

Considero que a prática “Livro com Arte”, embora careça de algumas adequações, sobretudo no que se refere à inserção da primeira etapa da sequência básica, a *motivação* e ainda que a leitura das obras não seja feita pelos próprios alunos, vem conduzindo o processo de letramento de forma satisfatória. A atividade extrapola a simples atividade de ler as obras, ela possibilita aos alunos compartilharem suas impressões e assim estabelecerem um diálogo com o mundo e com os outros.

3.4 Leitura Compartilhada

A prática de leitura literária por mim nomeada “Leitura Compartilhada”, consistiu em uma atividade de leitura em voz alta, realizada pelos alunos. Essa prática foi incorporada nas minhas aulas em função do desejo que as próprias crianças manifestaram em ler para os colegas, quando adquiriam autonomia para tal. Dessa forma, a “Leitura Compartilhada” se configurou como uma maneira de sociabilidade.

Assim como a prática “Hora do Conto”, a “Leitura Compartilhada” também é uma prática de leitura em voz alta, e que por constituir-se como tal, seus benefícios são: o aumento do vocabulário, maior compreensão de funcionamento da leitura, mais habilidade no uso de livros e fortalecimento da leitura como prazer (COSSON, 105, 2014). Além disso, para Cosson (2014, 106) a leitura oralizada cumpre uma função primordial na construção cultural de sentidos, reforçando no aluno o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

A “Leitura Compartilhada” cumpriu um papel importante no que se refere à motivação do grupo para as práticas de leitura, ou seja, foi possível perceber que o fato de algumas crianças realizarem a leitura para a turma, motivou e despertou o interesse em todo o grupo, dando um maior significado para a leitura. As crianças que ainda não apresentavam autonomia para tal

começaram a manifestar maior esforço na aprendizagem da leitura e a demonstrar desejo de participar das diversas práticas realizadas na sala, ainda que fosse a leitura de palavras. É como se tivessem percebido que a leitura possibilita maior participação no ambiente escolar e fora dele. De acordo com Solé (1998, 61), aprende-se a ler e a escrever lendo e escrevendo, vendo outras pessoas lerem e escreverem, tentando e errando, sempre guiados pela busca do significado ou pela necessidade de produzir algo que tenha sentido.

Segundo Solé (1998, 99), ler com eficácia em voz alta requer a compreensão do texto, para isso a autora sugere a preparação dessa leitura, isto é, uma primeira leitura individual e silenciosa, antes da oralidade. Dessa forma, a preparação da leitura poderá ser incorporada à prática “Leitura Compartilhada”.

3.5 Leitura Autônoma

A atividade por mim nomeada “Leitura Autônoma” consistiu em momentos da aula destinados à leitura silenciosa das obras literárias que compõem o acervo da sala de aula, isto é, as coleções do Plano Nacional do Livro Didático - Obras complementares e Alfabetização na Idade Certa, gibis e outros livros de literatura infantil que fazem parte da minha coleção pessoal, tais como os livros distribuídos pela Fundação Itaú. Nas escolas americanas, tal prática é conhecida como *Leitura Silenciosa Sustentável*, LSS ou SRR para sigla em inglês, (COSSON, 2014, 99).

Embora existam pesquisas que apontam os benefícios da LSS, tais como ampliação do vocabulário, melhoria na escrita, maior e melhor capacidade de compreender os textos e motivação para a leitura, Cosson (2014, 99) alerta que em muitas situações a LSS é mal interpretada pelos pais, professores e coordenadores pedagógicos, sendo considerada uma perda de tempo.

Cosson também chama atenção para os diferentes perfis de leitores, se o tempo da LSS é bem aproveitado por aqueles que se interessam pela leitura, também é necessário considerar o falso leitor, isto é, aquele que finge estar lendo e que vê na atividade uma forma de passar o tempo. Também existem aqueles alunos que estão abaixo do nível da turma e que por dificuldade de aprendizagem, questões socioeconômicas ou por outras razões, não conseguem ler os livros que são oferecidos. Além desses, existem os alunos que buscam os livros que estão acima da

sua capacidade de leitura e que acabam sendo desmotivados. Tem aqueles leitores que são presos ao gênero e que não se interessam por outros livros e outros que, embora tenham proficiência e interesse pela leitura, optam por fazer qualquer outra coisa à leitura. A fim de lidar com esses diversos perfis de leitores, bem como acabar com esses temores em torno do desperdício de tempo, Cosson defende que é necessário tornar a LSS uma atividade mais escolar, porém sem perder a leitura livre e prazerosa que está na base de sua fundamentação.

Em um exemplo bem sucedido do programa de LSS, Cosson apresenta a experiência vivenciada por uma professora de ensino médio, Valarie Lee, onde ela estabelece oito passos responsáveis pelo sucesso do programa. O primeiro deles foi um estudo teórico acerca de outros programas de leitura silenciosa. O segundo passo foi determinar um cronograma para a leitura silenciosa, o terceiro consistiu em criar um ambiente adequado, tanto físico, quanto em termos comportamentais, possibilitando que a aula não fosse interrompida por nenhuma demanda externa. O quarto passo foi disponibilizar livros que despertassem o interesse dos alunos, o quinto foi a aceitação de qualquer texto sugerido pelos alunos, o sexto foi o acompanhamento da leitura dos alunos, tanto para descobrir as causas de possíveis desengajamento no programa, quanto para orientá-los nas escolhas futuras. O sétimo consistiu em não passar para o aluno que ele seria avaliado pela leitura, o oitavo e último passo foi permitir ao aluno que ele compartilhasse de alguma maneira o que havia lido. Lee ofereceu várias possibilidades para esse compartilhamento, escrita de resenhas, indicação da obra para um amigo, dramatização de uma cena ou qualquer outra forma que os alunos achassem adequada.

Conforme descrito anteriormente, a “Leitura Autônoma” desenvolvida na minha turma aconteceu de duas maneiras distintas, uma quando os alunos finalizavam as suas atividades e escolhiam uma obra para fazer a leitura silenciosa, até que as demais crianças finalizassem a tarefa e outra, em momentos planejados para esse tipo de leitura, onde todos os alunos eram contemplados. Fazendo uma comparação entre a LSS desenvolvida por Lee e a segunda modalidade da “Leitura Autônoma”, percebo que alguns passos já são contemplados na minha prática, ainda que careçam de algumas adequações, e outros ainda necessitam ser inseridos. O primeiro deles, que trata do estudo teórico acerca da leitura silenciosa, está se iniciando a partir deste trabalho. O segundo passo que é determinar um cronograma para a leitura silenciosa, foi contemplado, já que a “Leitura Autônoma” aconteceu sempre às sextas feiras. O terceiro passo que está relacionada à criação de um ambiente adequado, tanto físico quanto

comportamental, acredito que está sendo atendido parcialmente. No que se refere ao aspecto físico, considerando as características da sala, os alunos já têm liberdade de escolher o lugar que seja mais confortável e aconchegante, sejam as mesas, as cadeiras, o chão ou a bancada da sala, sendo esse último o local mais apreciado por eles. Em se tratando do aspecto comportamental do ambiente, ainda é necessário avançar muito. O quarto passo, a disponibilização de livros que despertam o interesse das crianças, é contemplado de forma satisfatória, há uma variedade de obras com temas e gêneros apreciados pelos alunos. O quinto passo, que consiste na aceitação de qualquer texto trazido pelas crianças, ainda precisa ser incluído na minha prática. O sexto e o sétimo passos, acompanhamento da leitura dos alunos e avaliação, ainda necessitam ser inseridos. Preciso pensar e elaborar estratégias que contemplem o perfil da turma, isto é, crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. A estratégia adotada por Lee no sétimo passo, registro escrito dos dados bibliográficos do livro, datas de início, fim ou abandono da obra e comentários desejados, não é possível ser aplicada com todos os alunos da turma, já que muitos ainda não estão alfabetizados. Talvez, tais registros poderão ser feitos de forma oral, com um acompanhamento mais sistemático da minha parte. O último passo, compartilhamento da leitura, ainda não é contemplado na minha prática. Dentre as opções oferecidas por Lee, as mais adequadas para as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental são a indicação da obra para um amigo e a dramatização. Além dessas já sugeridas, pensei no reconto da obra ou em um desenho, sobretudo para aqueles alunos que ainda não estão alfabetizados.

A “Leitura Autônoma”, sem dúvida, ainda necessita ser adequada e remodelada, para que de fato seja um programa de LSS tão bem sucedido quanto a experiência desenvolvida por Lee. Muitas de suas sugestões poderão ser aproveitadas, porém outras ainda necessitam ser planejadas, considerando, principalmente, que a prática de leitura silenciosa por mim desenvolvida, aconteceu em uma turma de segundo ano do ensino fundamental e a experiência de Lee foi em turma de primeiro ano do ensino médio. Além disso, para que minha prática seja uma experiência satisfatória no processo de letramento literário, ela não pode ser uma experiência isolada dentro da escola. Como alertam Humphrey e Preddy (2008), uma prática bem sucedida de LSS necessita de apoio da administração escolar, direção e corpo pedagógico e ela deve ser comum a todas as turmas da escola. Implantar um programa de LSS na escola é algo bem complexo e desafiador, porém, é algo possível de ser realizado e que com certeza, é um passo significativo rumo ao letramento literário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de leitura realizadas na turma 12 A, “Hora do Conto”, “Visita à Biblioteca”, “Livro com Arte”, “Leitura Compartilhada” e “Leitura Autônoma”, embora careçam de algumas adequações, constituem-se como práticas significativas rumo ao letramento literário. Segundo Cosson (2014, 185), o letramento literário na prática pedagógica, pode ser efetivado de maneiras diversas, porém o autor aponta quatro elementos essenciais nesse processo: 1) a necessidade do contato direto do autor com a obra literária, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias; 2) a construção de uma comunidade de leitores, ou seja, espaço de compartilhamento das leituras no qual haja circulação de textos e respeito pelo interesse e grau de dificuldade que o aluno possa ter em relação à leitura das obras; 3) a ampliação do repertório literário - cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meio; 4) realização de atividades sistemáticas e contínuas direcionadas ao desenvolvimento da competência literária.

As práticas de leitura desenvolvidas contemplaram de forma satisfatória o contato direto dos alunos com as obras literárias, já que em todas elas os alunos tiveram a oportunidade de interagir com o texto literário no seu suporte original, seja ele o livro literário ou os gibis.

O compartilhamento da leitura foi realizado nas práticas “Hora do Conto”, “Leitura Compartilhada” e “Livro com Arte”, já que em todas essas atividades, os alunos puderam expor suas opiniões e impressões acerca da obra, estabelecendo um diálogo e uma troca de experiências, entretanto não houve um compartilhamento da leitura das obras realizadas nas atividades “Visita à Biblioteca” e “Leitura Autônoma”. Cosson (2014, 131), aponta que dentre as várias práticas de leitura literária, tanto no ambiente escolar como fora dele, existe uma que merece atenção especial, o compartilhamento de leituras de um grupo de pessoas, prática por ele nomeada círculos de leitura. Os círculos de leitura são espaços de compartilhamento organizados para que o diálogo em torno de uma obra seja também um lugar onde os leitores se reconheçam como membros de uma comunidade (COSSON, 2014, 179). Acredito que a prática por mim nomeada “Visita à Biblioteca”, pode ser ajustada tornando-se um ciclo de leitura. Para tal, seria necessário, primeiramente, que a escola adquirisse o número suficiente de exemplares de uma mesma obra literária, já que, embora o acervo da biblioteca escolar seja

bem rico, ele conta com poucos exemplares de um mesmo título. A criação de um círculo de leitura na escola envolve planejamentos e ações dos mais diversos sujeitos que compõem essa instituição, alunos, professores, bibliotecários, direção, coordenação pedagógica e não apenas de uma professora em uma classe específica, contudo acho que essa prática pode ser iniciada a partir das experiências de leitura literária realizadas na minha turma. Na “Leitura Autônoma”, o compartilhamento da leitura poderá acontecer através da indicação da obra para um amigo, do reconto ou de um desenho.

No que se refere à ampliação do repertório literário, as práticas literárias contemplaram apenas o texto verbal e o imagético, seja nos livros ou nas histórias em quadrinhos, dessa forma ainda é necessário a inserção de outros suportes e meios para efetivar o letramento literário. Cosson (2014) discute e defende as formas de incorporação da literatura nos dias de hoje - a canção popular em suas várias versões rítmicas, o filme, a história em quadrinhos e a literatura eletrônica, bem como suas novas formas de veiculação, como por exemplo, a internet.

O trânsito de uma obra a outra, a passagem de um veículo a outro, acontece justamente porque o terreno em que elas se movem é comum: o espaço literário. Com isso, ao surpreender o literário em outras formas e veículos, não se busca mais levar determinado objeto à categoria de literário por sua qualidade estética ou artística, mas sim como a palavra feita literária participa daquele objeto, ou seja, essas manifestações e produtos culturais são literários não simplesmente porque assumem as funções anteriores de proporcionar a ficção, o entretenimento ou qualquer função atribuída aos livros literários no passado, ou ainda porque atingiram tal maturidade que precisam ser enobrecidos com o rótulo de literários – essa seria a parte mais fraca do argumento -, mas sim porque é assim que a literatura se apresenta atualmente/se configura em nossos dias. (COSSON, 2014, p. 19)

As práticas de leitura literária realizadas na turma aconteceram de forma contínua, porém algumas delas ainda necessitam ser trabalhadas de forma mais sistematizada, a fim de garantir o desenvolvimento da competência literária. A prática “Leitura Autônoma” poderá ser adaptada e trabalhada a partir do programa de leitura desenvolvido Valerie Lee. Na “Visita à Biblioteca”, agora que a maioria dos alunos já tem autonomia de leitura, pode ser criado um círculo de leitura, na qual eu estabeleça previamente os procedimentos para a leitura e que, sobretudo, os alunos possam compartilhar essas leituras. Na prática “Livro com Arte”, poderá ser inserida a primeira etapa da Sequência básica do Letramento, *a motivação*, visto que as demais, *introdução, leitura e interpretação*, já são trabalhadas. Na prática “Leitura Compartilhada” poderão ser realizadas atividades de compreensão do texto antes da leitura oralizada, o que segundo Solé (1998, 99), garante maior eficácia da leitura em voz alta.

Realizar um trabalho sobre o letramento literário foi uma experiência muito rica e que me ofereceu novas possibilidades de trabalhar a leitura literária de forma significativa dentro da escola. Mais do que isso, esse trabalho serviu de inspiração e motivação para minha carreira docente.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

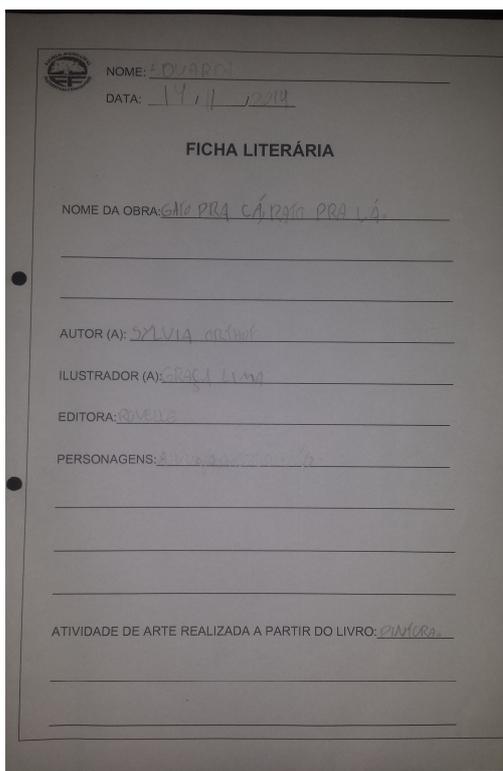
COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. Letramento literário. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. (Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores).

OLIVEIRA, Ana Arlinda. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (orgs.). Literatura – Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS



A form titled "FICHA LITERÁRIA" with a logo in the top left corner. It contains the following handwritten entries:

- NOME: DUARTE
- DATA: 17/11/2019
- NOME DA OBRA: GATO PRA CÁ, RATO PRA LÁ
- AUTOR (A): SYLVIA ORTHOF
- ILUSTRADOR (A): FRANZ LISZT
- EDITORA: AVELLE
- PERSONAGENS: gato, rato, sapo
- ATIVIDADE DE ARTE REALIZADA A PARTIR DO LIVRO: PIANTURA

FIGURA 1:

Atividade de escrita realizada pelos alunos na prática de leitura literária “Livro com Arte”, a partir do livro “Gato prá cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof.



FIGURA 2:

Atividade de arte, pintura, realizada pelos alunos na prática de leitura literária “Livro com Arte”, a partir do livro “Gato prá cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof.


 NOME: EDUARDO ALVARO MOREIRA
 DATA: 17 / 12 / 2014

FICHA LITERÁRIA

NOME DA OBRA: "A CAIXA MALUCA"

AUTOR (A): FLÁVIA MUNIZ

ILUSTRADOR (A): MICHELE MACCEA

EDITORA: MOTE LULA

PERSONAGENS: LEÃO, SARA, DAVY, FLORES, MARIANA, JOSE, SARA, CAROL, ELIZABETH, CAROL, SARA, FLORES

ATIVIDADE DE ARTE REALIZADA A PARTIR DO LIVRO: DE SIGNAÇÃO

FIGURA 3:

Atividade de escrita realizada pelos alunos na prática de leitura literária “Livro com Arte”, a partir do livro “A caixa maluca”, de Flávia Muniz.



FIGURA 4:

Atividade de arte, desenho, realizado pelos alunos na prática de leitura literária “Livro com Arte”, a partir do livro “A caixa maluca”, de Flávia Muniz.


 NOME: BRUNO AUGUSTO ASSIS
 DATA: 26/12/2014

FICHA LITERÁRIA

NOME DA OBRA: A vaca mimosa e a mosca Zenilda

AUTOR (A): Sylvia Orthof
 ILUSTRADOR (A): Sylvia Orthof
 EDITORA: Ática
 PERSONAGENS: A VACA MIMOSA

ATIVIDADE DE ARTE REALIZADA A PARTIR DO LIVRO: _____
MODELAGEM COM MASSINHA

FIGURA 5:

Atividade de escrita realizada pelos alunos na prática de leitura literária “Livro com Arte”, a partir do livro “A vaca Mimosa e a mosca Zenilda”, de Sylvia Orthof.



FIGURA 6:

Atividade de arte, modelagem com massinha, realizada pelos alunos na prática de leitura literária “Livro com Arte”, a partir do livro “A vaca Mimosa e a mosca Zenilda”, de Sylvia Orthof.